



XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS

PENSAR E FAZER A GEOGRAFIA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI:

ESCALAS, CONFLITOS SOCIOESPACIAIS E CRISE
ESTRUTURAL NA NOVA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

01 A 07 DE JULHO/2018 - JOÃO PESSOA - PARAÍBA

ISBN: 978-85-99907-08-5



Mapeamento participativo das rotas de pesca na margem tocantinense do rio Araguaia

Marta Eichemberger Ummus¹

Adriano Prysthon da Silva²

Laura Resplandes de Souza Paz³

¹Analista da Embrapa Pesca e Aquicultura e-mail: marta.ummus@embrapa.br

²Pesquisador da Embrapa Pesca e Aquicultura e-mail: adriano.prysthon@embrapa.br

³Estagiária da Embrapa pesca e Aquicultura e-mail: laurapaz.engamb@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pesca no rio Araguaia caracteriza-se por ser ainda essencialmente artesanal. Em 2016 a Embrapa Pesca e Aquicultura, localizada em Palmas – TO deu início a um projeto denominado “Conhecimento e Adaptação tecnológica para o desenvolvimento sustentável da pesca artesanal no rio Araguaia (TO). Uma das atividades desse projeto era o mapeamento das rotas de pesca realizadas pelos pescadores. Considerando que os mapas são por essência construções sociais que configuram representações adaptadas da realidade e que de acordo com Acserald (2010) ainda não haviam registros de qualquer experiência com cartografia social no rio Araguaia, foi realizado então, de maneira inédita o mapeamento participativo das rotas e ambientes de pesca com 11 comunidades pesqueiras e 4 comunidades indígenas (Figura 1). De acordo com Gorayeb e Meireles (2014), os territórios das comunidades tradicionais se caracterizam por serem ligados mais fortemente ao campo simbólico e não às relações de poder, de forma que o sentimento de pertencimento à terra, à história, às lutas às vivências e às práticas formam uma conjuntura legitimadora dos territórios vividos. Os pescadores possuem informações definitivas sobre seus territórios de pesca e a cartografia social pode fortalecer a sua identidade com seu meio de vida e de trabalho, além de informações preciosas para trabalhos técnico-científicos. A participação na construção do mapa é uma forma de fortalecer a mobilização de grupos, os quais podem se apropriar da cartografia para o uso em seus interesses. Portanto o conhecimento não se restringe a



confecção dos mapas, mas também a partir do processo de construção, onde as demandas são fortalecidas e há o reconhecimento de direitos, os quais podem direcionar estratégias de atuação coletiva (PLESSMAN, 2013).



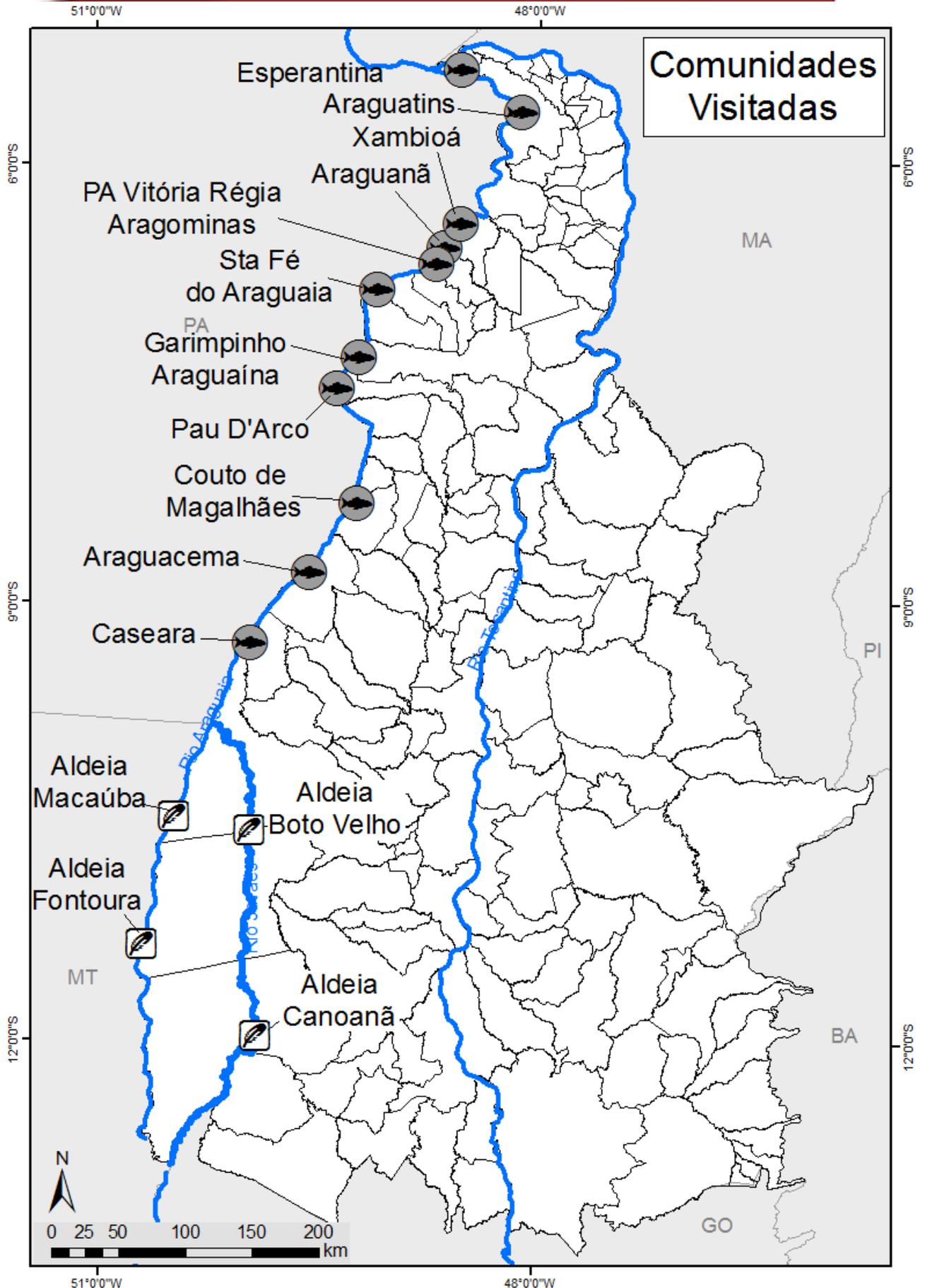
XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS

PENSAR E FAZER A GEOGRAFIA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI:

ESCALAS, CONFLITOS SOCIOESPACIAIS E CRISE ESTRUTURAL NA NOVA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

01 A 07 DE JULHO/2018 - JOÃO PESSOA - PARAÍBA

ISBN: 978-85-99907-08-5





XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS

PENSAR E FAZER A GEOGRAFIA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI:

ESCALAS, CONFLITOS SOCIOESPACIAIS E CRISE ESTRUTURAL NA NOVA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

01 A 07 DE JULHO/2018 - JOÃO PESSOA - PARAÍBA

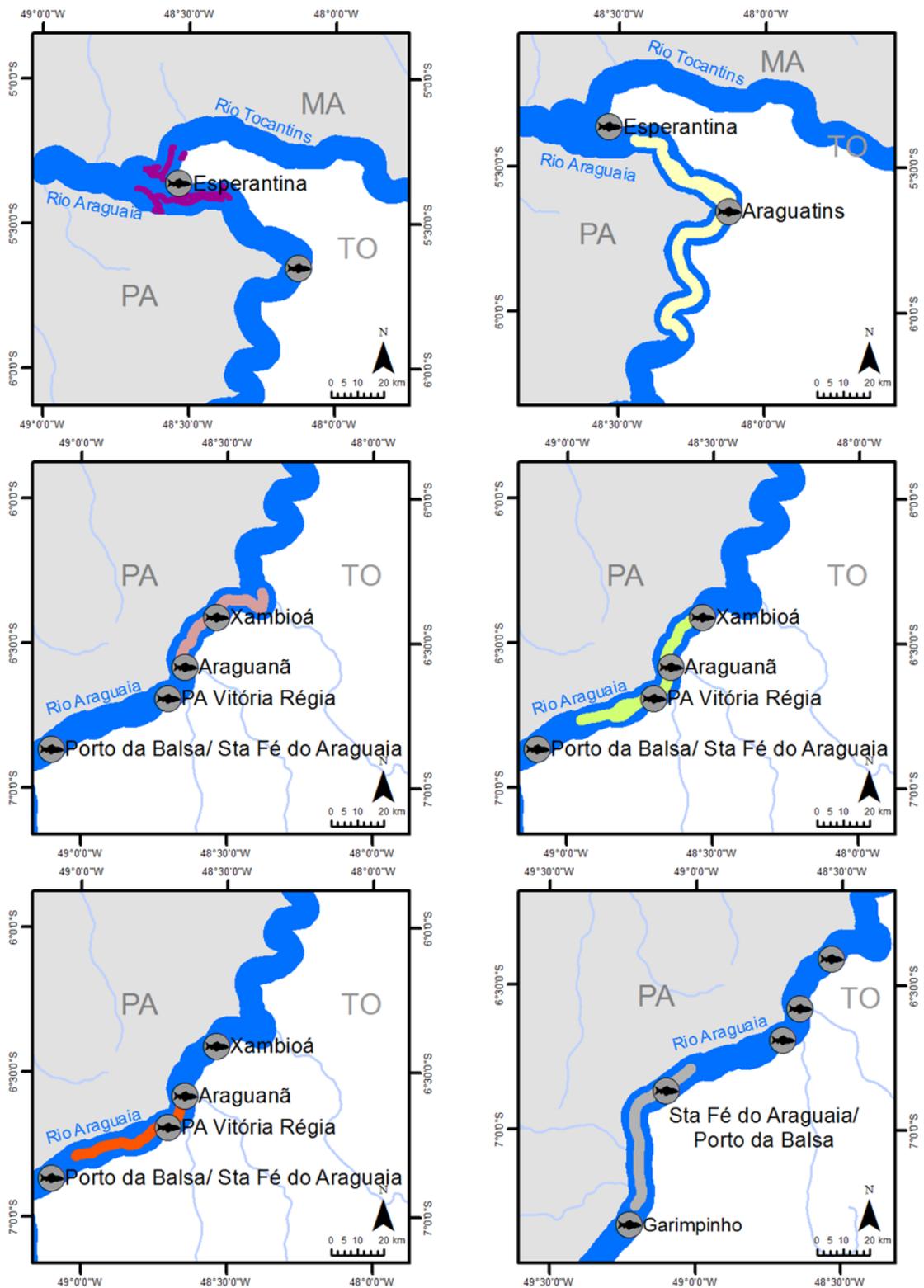
ISBN: 978-85-99907-08-5



Figuras 2 e 3 – Pescador de Couto Magalhães e indígena da Aldeia Macaúba delimitando as rotas de pesca.

RESULTADOS PRELIMINARES

Na Figura 4 podemos observar as rotas de pesca percorridas pelas comunidades visitadas.





XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS

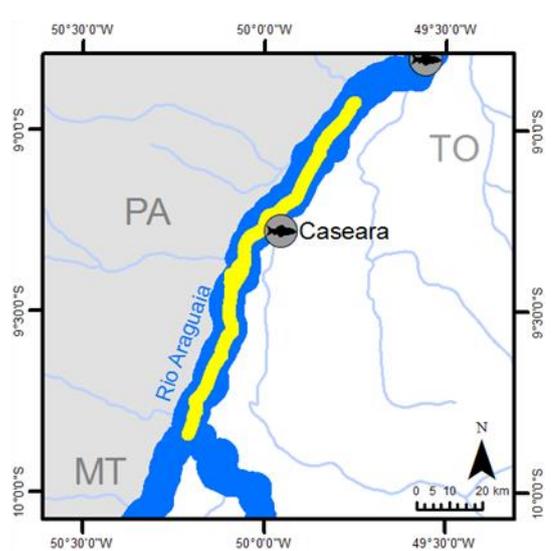
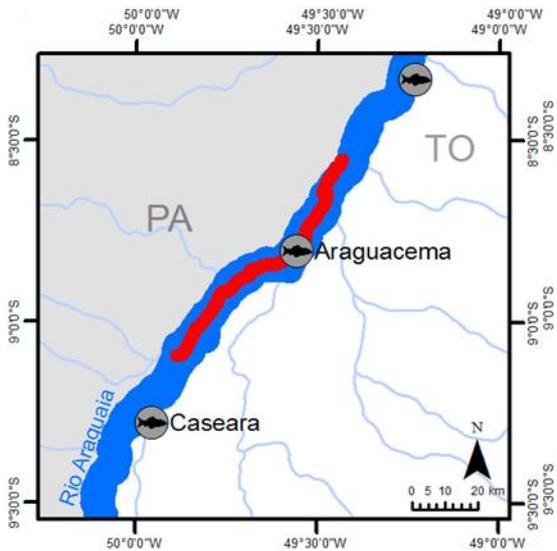
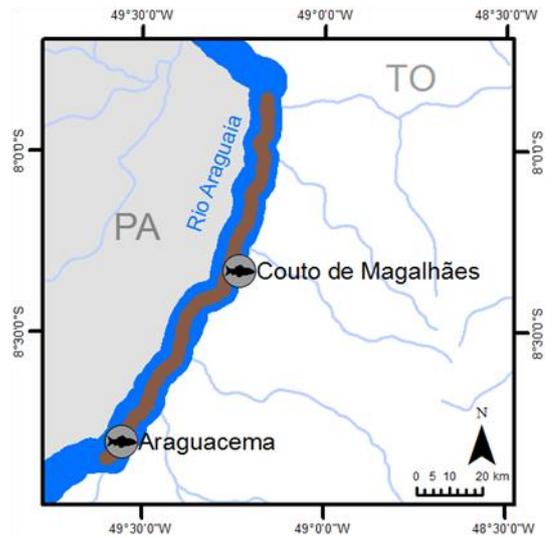
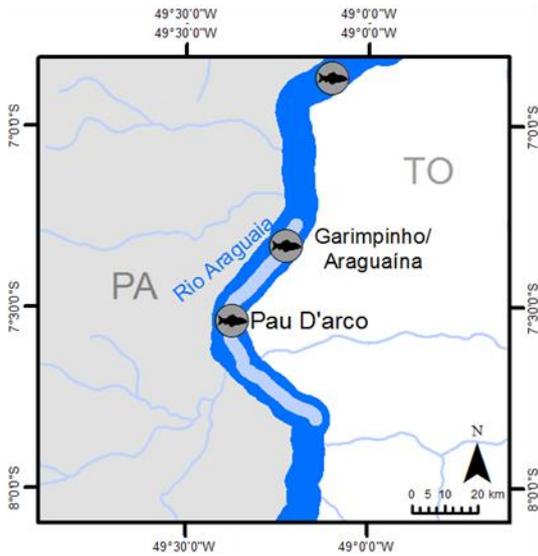
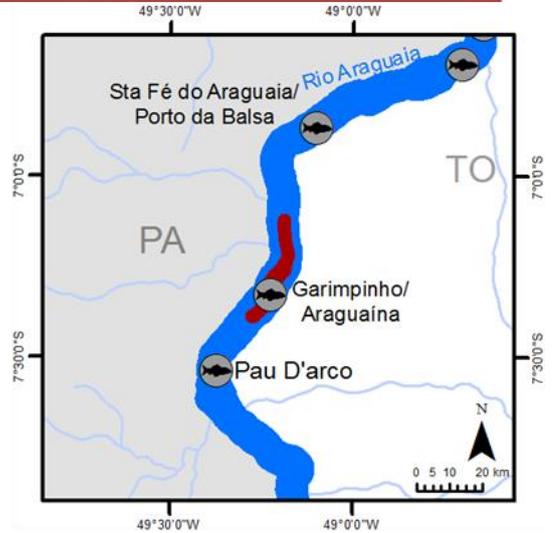
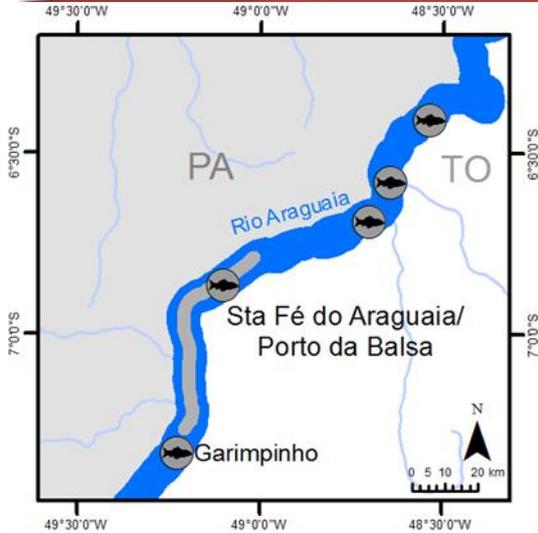
PENSAR E FAZER A GEOGRAFIA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI:

ESCALAS, CONFLITOS SOCIOESPACIAIS E CRISE ESTRUTURAL NA NOVA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

01 A 07 DE JULHO/2018 - JOÃO PESSOA - PARAÍBA



ISBN: 978-85-99907-08-5





pescado, economizando combustível, uma vez que ao retornarem carregados, a gravidade implica no menor esforço da embarcação. Portanto, as maiores distâncias são percorridas à montante, conforme pode ser observado na Figura 5.

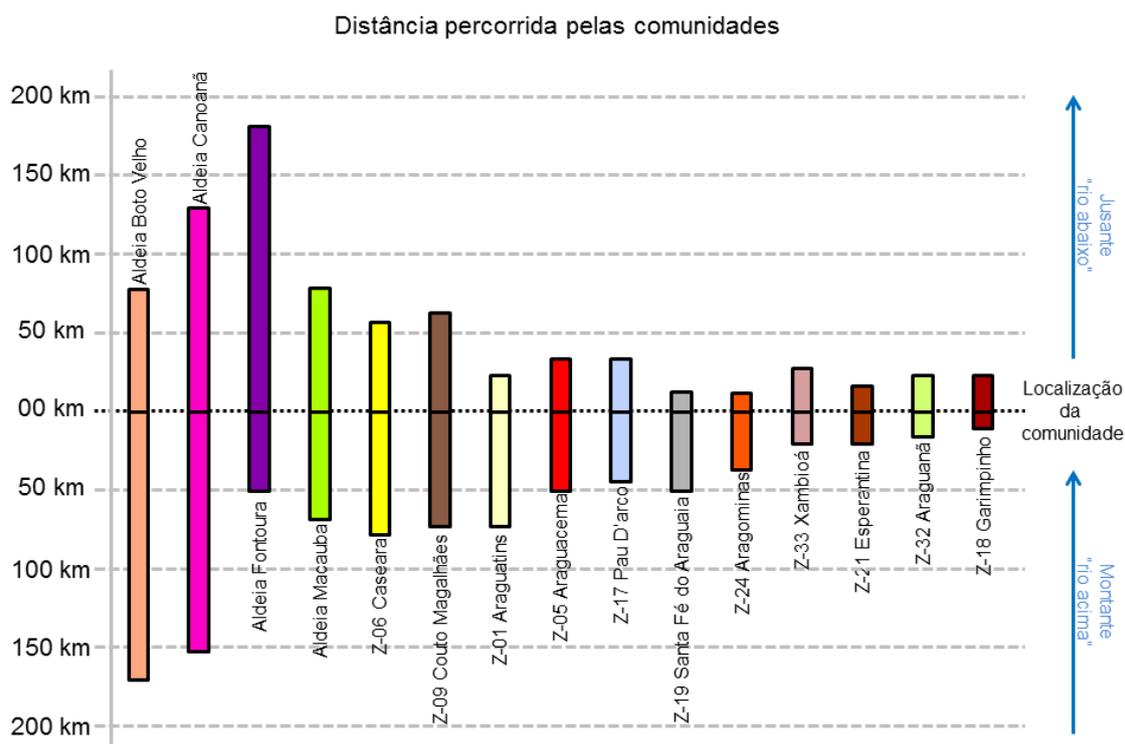


Figura 5 – Distâncias percorridas pelas comunidades pesqueiras.

A exceção se dá às comunidades indígenas. Isso se deve ao fato de que nessas comunidades a pesca artesanal é praticada mais como uma atividade de lazer do que propriamente uma atividade de trabalho. Normalmente os pesqueiros são conhecidos, mais distantes e próximos da casa de amigos e parentes.

Ao longo das oficinas foi percebido que tão importante quanto as rotas percorridas (que implicam diretamente nos gastos com gasolina e óleo), são também os ambientes de pesca ou pesqueiros. Os diferentes ambientes de pesca fluviais podem ser definidos pelas características físicas (profundidade da água, tipo de fundo, turbidez da água, velocidade da corrente), sociais (uso da terra no entorno, acessibilidade,



XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS

PENSAR E FAZER A GEOGRAFIA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI:

ESCALAS, CONFLITOS SOCIOESPACIAIS E CRISE
ESTRUTURAL NA NOVA GEOPOLÍTICA MUNDIAL

01 A 07 DE JULHO/2018 - JOÃO PESSOA - PARAÍBA

ISBN: 978-85-99907-08-5



presença/ausência de conflitos) e sazonais (ambientes dependentes das cheias, vazantes ou secas). Normalmente os pesqueiros são escolhidos em função da própria tradição de exploração histórica de determinado grupo de pescadores ou família, pela pressão do turismo nas épocas de praias (julho a setembro), pelo petrecho de maior afinidade e pelas espécies que se deseja capturar. Na presente pesquisa foram citados pelo menos 18 tipos diferentes de ambientes, a saber: remanso, canal do rio/purão/correnteiza, pedral, gorgulho, margem, beiradão, pé de moita/galhada, lago e ilha, ressaca, camboa/furo, travessão/cachoeira/corredeira e praia, varjão, vareda, rebojo, razio, mata e barranco. Foram relatadas também algumas regiões onde a concorrência pelo peixe é maior, havendo conflitos de interesses entre a pesca artesanal e principalmente a pesca esportiva/turística. De acordo com seus relatos, existem regiões em que inclusive são realizados campeonatos de pesca esportiva no rio Araguaia e que nessas ocasiões os pescadores são impedidos de pescar por jagunços armados pagos pelos organizadores. As comunidades indígenas apontaram também que dentro da Ilha do Bananal há muitos turistas. Na Figura 6 podemos observar as regiões de conflitos relatadas pelos pescadores.

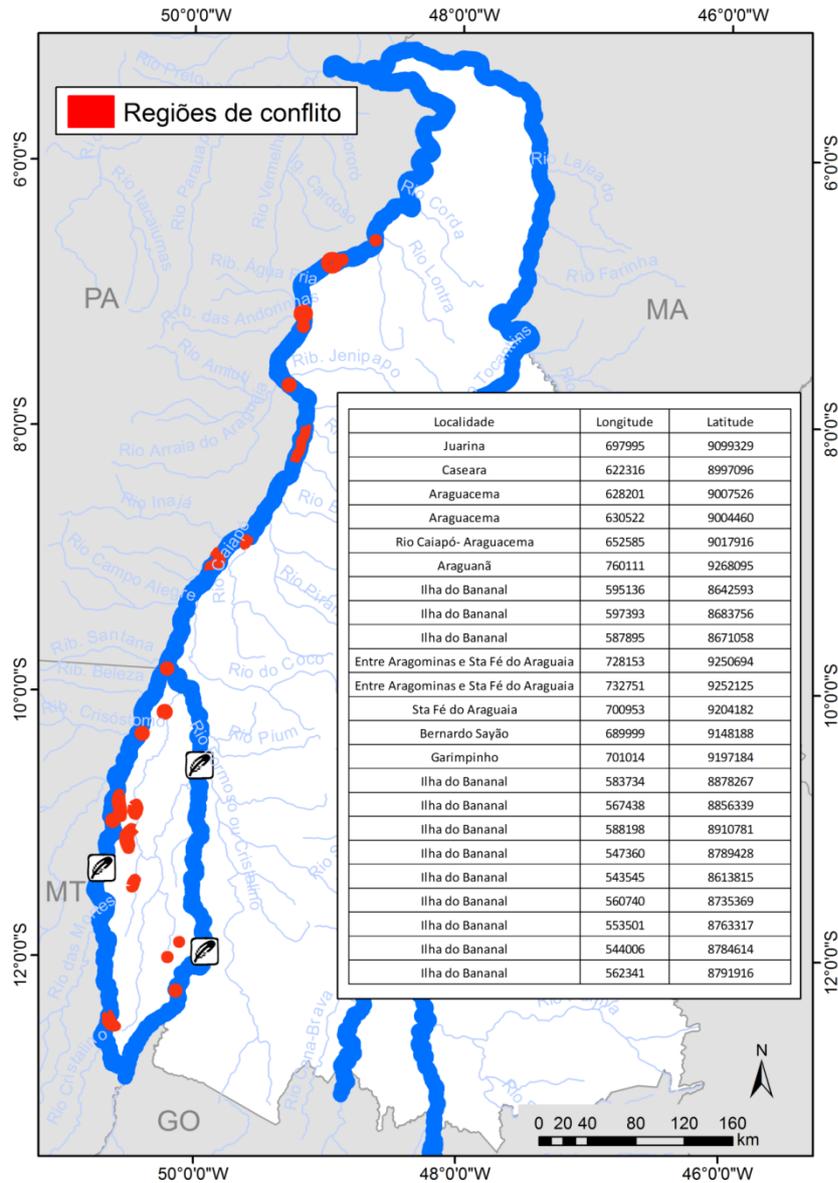


Figura 6 – Regiões de conflitos indicadas pelos pescadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diferentes ambientes de pesca fluviais podem ser definidos pelas características físicas (profundidade da água, tipo de fundo, turbidez da água, velocidade da corrente), sociais (uso da terra no entorno, acessibilidade, presença/ausência de conflitos) e sazonais (ambientes dependentes das cheias, vazantes ou secas).

De maneira geral, os ambientes de pesca são escolhidos pelos pescadores em função da própria tradição de exploração histórica de algumas áreas em detrimento de outras, pela



pressão do turismo na época de praias (julho a setembro), as quais limitam as zonas de captura e pela capacidade tecnológica e autonomia das embarcações.

Os pescadores que percorrem as maiores distâncias costumam acampar ao longo do trajeto e suas rotas são definidas também em função da autonomia da embarcação e hábitos do pescador.

Foi possível perceber que praticamente todo o trecho tocantinense do rio Araguaia é navegável e propício para as atividades pesqueiras. Somente pequenos trechos do rio não foram indicados pelos pescadores como rotas de pesca.

BIBLIOGRAFIA



Acserald, H. (organizador). Cartografia Social e Dinâmicas territoriais: marcos para o debate. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Planejamento Urbano e Regional, 225 p. (Coleção território, ambiente e conflitos sociais; n 2) 2010

Gorayeb, A.; Meireles, J. A cartografia social vem se consolidando como instrumento de defesa de direitos. Rede Mobilizadores, 10 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/coep/Publico/consultarConteudoGrupo.aspx?TP=V&CODIGO=C20142610482831>>. Acesso em 23/07/2018

Plessman, F. Unidade M03U01, Módulo M03: Introdução à Participação; in: ETTERN/IPPUR/UFRJ, Guia Para Experiências de Mapeamento Comunitário, versão livremente adaptada para o português de CTA. 2010. Training Kit on Participatory Spatial Information Management and Communication. CTA, Países Baixos; Rio de Janeiro, 2013.

Silva e Verbicaro (2016). O mapeamento participativo como metodologia de análise do território. Scientia Plena vol. 12 num. 06. 2016